

A mariologia cósmica do Santuário Nacional de Aparecida: um estudo ecolitúrgico a partir do baldaquino

*The cosmic mariology of the National Sanctuary of Aparecida:
an ecoliturgical study from the baldachin*

Lúcia Pedrosa-Pádua

Resumo

O artigo destaca a dimensão cósmica da mariologia presente no Santuário Nacional de Aparecida, através do aprofundamento no significado do baldaquino que envolve o altar. A mariologia cósmica dialoga com uma liturgia que pode ser descrita como ecoliturgia e contribui para uma conversão ecológica. Primeiramente, o estudo apresenta a novidade teológica do baldaquino, enraizada na *Sacrosanctum concilium* ao afirmar a centralidade de Cristo e a participação de todos no mistério pascal. Espacialmente, o baldaquino envolve todo o povo de Deus, corpo de Cristo e povo sacerdotal, e assim visibiliza um dinamismo da ação litúrgica orientado à comunhão e à sinodalidade. Em seguida, foca numa especificidade do baldaquino, a de enfatizar a comunhão com toda a criação, numa ecoliturgia e a Eucaristia como um ato de amor cósmico. Descreve a riqueza simbólica do baldaquino, que demonstra a bondade da criação de Deus através da representação da flora e da fauna brasileiras, para, em seguida, apresentar aspectos da mariologia cósmica que ele enseja. Valoriza a existência de Maria como nova criatura e sua maternidade na nova criação, a inspirar vínculos de cuidado e solidariedade.

Palavras-chave: Basílica de N. Sra. Aparecida. Baldaquino. Liturgia. Mariologia cósmica

Abstract

The article highlights the cosmic dimension of Mariology present in the National Shrine of Aparecida, through deepening in meaning of the baldachin that surrounds the altar. Cosmic Mariology dialogues with a liturgy that can be described as ecoliturgy and contributes to an ecological conversion. First, it presents the theological novelty of the baldachin, rooted in *Sacrosanctum Concilium* which affirms the centrality of Christ and participation of all in the paschal mystery. Spatially, the baldachin involves the entire people of God, body of Christ and priestly people, and thus makes visible a dynamism of liturgical action oriented to communion and synodality. It then focuses on a specificity of the baldachin, emphasize communion with all creation, and Eucharist as an act of cosmic love. It describes the symbolic richness of the baldachin, in which the goodness of God's creation is represented in the Brazilian flora and fauna, to finally present aspects of cosmic Mariology that the baldachin inspires. It values Mary's existence as a new creature and her motherhood in the new creation, inspiring bonds of care and solidarity.

Keywords: Basilica of Our Lady of Aparecida. Baldachin. Liturgy. Cosmic Mariology.

Introdução

Um dia, após a comunhão no Santuário Nacional de Aparecida, um búfalo olhou para mim, do alto da parede do baldaquino que envolve o altar central. Eu, que sempre admirei os búfalos desde que os conheci na Ilha do Marajó, perguntei-me sobre o que essa imagem queria me dizer, ali, daquele lugar da maior Basílica mariana do mundo.

De estrutura estável, o búfalo caminha nas estradas encharcadas pela chuva da ilha paraense; as búfalas oferecem um leite muito branco e saboroso. Fiquei muito impressionada ao saber, pelos jornais da época, que no estado de São Paulo, não longe do Santuário, dezenas de búfalos foram encontrados em estado de inanição.¹ E percebi a dimensão envolvente e cósmica desse importante Santuário mariano.

Em tempo de crise socioambiental, com a vida humana ameaçada pela destruição da biodiversidade, poluição das águas, solo e ar; em tempo de alterações climáticas e queimadas, de pandemias, de destruição da vida dos pobres e dos povos originários... ao redor do altar estava a Igreja reunida e unida a toda criação de Deus, a dizer que toda criação e toda história humana, incluindo a história de Maria e a vida de cada peregrino, estão penetradas do amor de Deus e chamadas a uma vocação mais alta na comunhão com o Cristo. Maria já participa desta vida em plenitude, junto ao seu Filho ressuscitado, a abrir caminhos da vida maior já aqui nesta terra.

Assim nasceu a motivação desse artigo, cujo objetivo é destacar a dimensão cósmica da mariologia presente no Santuário Nacional de Aparecida, através do estudo do grande baldaquino que envolve o altar. A mariologia cósmica dialoga com uma liturgia que pode ser descrita como ecoliturgia e contribui para uma conversão ecológica.

Sabemos que uma das grandes tarefas teológicas da atualidade é inter-relacionar o ser humano, as sociedades, Deus e o cosmos, em diversas perspectivas. No Santuário de Aparecida o baldaquino, idealizado pela equipe pastoral do Santuário conjuntamente com o artista plástico Cláudio Pasto e criado/executado pelo artista, sensibiliza para esta inter-relação através de forte apelo simbólico-ético, dirigido a milhões de peregrinos que por ali passam.² O mistério ali celebrado insere cada fiel numa novidade de vida oferecida pelo Deus criador-salvador, reforça o encontro com Maria, que em seu corpo representa a criação glorificada que enche o fiel de esperança, e fortalece as energias coletivas do cuidado com a criação.

Iniciaremos pelo estudo do baldaquino do Santuário de Aparecida. Primeiramente, focaremos em sua novidade teológica, enraizada na novidade conciliar de afirmar a liturgia como comunhão na diversidade. Em seguida, veremos a especificidade do baldaquino ao enfatizar a comunhão com toda a criação, numa ecoliturgia e ao visibilizar a participação na Eucaristia como um ato de amor cósmico. Em seguida, descreveremos a riqueza simbólica do baldaquino, que demonstra a bondade da criação de Deus através da representação da flora e da fauna brasileiras, para, em seguida, apresentar aspectos da mariologia cósmica que ele enseja.³

1. Um baldaquino diferente: envolve a diversidade de fiéis ao redor do altar

¹ G1., Laudo conclui que búfalas de Brotas passaram fome e sede por mais de um período.

² No ano celebrativo dos 300 anos do encontro da imagem de N. Sra. Aparecida nas águas do rio Paraíba, cerca de 13 milhões de peregrinos acorreram ao Santuário. G1., Nos 300 anos de Nossa Senhora Aparecida, Santuário Nacional bate recorde com 13 milhões de visitantes em 2017.

³ Esta pesquisa contou com o apoio da FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

Faz-se necessária uma palavra sobre os baldaquinos, que não estão entre os espaços que compõem o edifício Igreja, como poderiam ser o santuário, onde se encontram o altar, a sédia ou lugar do presidente da celebração, o ambão ou lugar onde se anuncia a Palavra, a cruz processional; a nave ou lugar em que a assembleia participa com atenção e vigilância da liturgia; o adro; o campanário; o jardim; as sacristias; o batistério; a Capela do Santíssimo; a Capela da Reconciliação; a Capela da Mãe de Deus; o coro; a secretaria...⁴ Os baldaquinos são, sim conhecidos por coroar o altar ou o Santíssimo Sacramento.

O “Grande Baldaquino” do Santuário Nacional de Aparecida difere do sentido comum. É original em sua mensagem, a começar por sua estrutura, formada pela cúpula central, o capitel e as quatro colunas ou paredes de sustentação, dispostas em arco.⁵ Há uma novidade mariológica, litúrgica e teológica por coroar, conjuntamente: o espaço do altar – centro essencial da Basílica associado ao Cristo –, todo o presbitério, o ministério e parte da assembleia. Assim sendo, o baldaquino desse Santuário mariano traduz, pela forma espacial e pela arte, duas intencionalidades basilares do documento conciliar *Sacrosanctum Concilium* (1963) em relação à liturgia: a centralidade de Cristo e a participação de todos e todas nos Mistérios Sagrados.⁶

Explicando melhor. O altar onde é celebrado o Mistério Pascal e que, por isso, representa o Cristo presente em sua Igreja, é trazido ao centro do espaço litúrgico; não se encontra ao fundo. É Cristo a fonte de toda força e influência que Maria exerce na Igreja, e a Ele os presentes são chamados a aderir, encorajados por ela.⁷

Todos os presentes se encontram espacialmente “ao redor” do altar, não apenas diante dele. O baldaquino coroa este Mistério participado pelo povo de Deus junto com todos os “anjos e santos”. O espaço faz compreender e sentir que o Mistério Pascal envolve graciosamente a todos, renova a inserção dos fiéis na aliança com Deus em Cristo e na vida de amor que dela provém. Na liturgia todos agem, são ativos, participam do dinamismo da ação litúrgica. Todos e todas são convidados a entrar no “jogo da liturgia,”⁸ nunca a instrumentalizá-la ou assisti-la passivamente. Ao envolver todos e todas, o espaço litúrgico do baldaquino reafirma que quem celebra a Eucaristia é toda Igreja, povo de Deus, a assembleia litúrgica presente. Todos são sujeitos da celebração, ninguém é coadjuvante. Ela é celebrada por quem a preside – o ministro sacerdotal (padre ou bispo) – e igualmente pelos fiéis que exercem o sacerdócio comum, o sacerdócio existencial que faz da existência cristã uma oferenda viva e agradável a Deus. (Rm 12,1)⁹

O baldaquino, simbolicamente, coroa e acolhe esta ação litúrgica fundante da igreja de comunhão na diversidade de carismas e sinodal. Lembramos aqui que há duas epicleses nas orações eucarísticas, não apenas uma. A primeira pede solenemente que o Espírito, em seu poder santificador, transforme as espécies do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo. Na segunda epiclese, intimamente relacionada à primeira, é pedido que, na participação no corpo e sangue de Cristo, o Espírito nos una “num só corpo”. Nesta invocação os celebrantes – todos e todas – recordam sua situação vital e se abrem à transformação escatológica suscitada e realizada pelo Espírito no contexto eucarístico.¹⁰ As diversas orações eucarísticas ampliam o sentido existencial de ser “um só corpo”, enfatizando a unidade de espírito (Oração Eucarística III), a entrega da vida como “um sacrifício vivo” (Oração Eucarística IV), a comunhão de “um só povo em seu amor” (Oração Eucarística V), a superação de divisões em “um corpo no qual todas as divisões sejam superadas” (Oração Eucarística VII); a conversão à “reconciliação e paz” (Oração Eucarística

⁴ PASTRO, C., Guia do espaço sagrado, p. 64-65.

⁵ SANTUÁRIO NACIONAL DE N. SRA. APARECIDA., Exposição da Cúpula Central, p. 59.

⁶ SC 7 e 10.

⁷ LG 60 e 62.

⁸ PASTRO, C., Guia do espaço sagrado, p. 42.

⁹ GOPEGUI, J. A. R., Eukharistia, p. 34.

¹⁰ GIRAUDO, C., *In unum corpus*, p. 564.

VIII); o “viver unidos na alegria” (Oração Eucarística IX); a abertura ao “Espírito de amor” (Oração Eucarística X); a “alegria do Espírito” que leva a agradar a Deus “sempre mais” (Oração Eucarística XI).¹¹ Celebra-se a transformação dos fiéis em vista ao Reino de Deus. Pelo Espírito, o corpo de Cristo é tanto a hóstia consagrada quanto as hóstias vivas representadas e, de fato, realizadas no povo sacerdotal. O baldaquino do Santuário de Aparecida, ao envolver a diversidade de todo o povo de Deus, corpo de Cristo e povo sacerdotal, visibiliza o dinamismo da ação litúrgica, rumo à comunhão na diferença de carisma e ministérios, numa espiritualidade sinodal que advém e culmina na participação no mistério pascal.

Ali, no Santuário mariano de Aparecida, há ainda outra especificidade, o povo de Deus se vê particularmente unido à humanidade inteira e a toda a criação de Deus. É o que veremos a seguir. As espécies eucarísticas, “fruto da terra e do trabalho do homem” – pão e vinho – representam sacramentalmente essa união.

2. Um destaque: a comunhão com toda a criação, numa ecoliturgia

Como visto acima, o espaço do baldaquino visibiliza a comunhão de Cristo com toda a Igreja. Um aspecto, porém, é exaltado: esta comunhão inclui toda a criação, pois as paredes e a cúpula do baldaquino são revestidos da beleza da criação de Deus mediante as árvores, flores, frutos, animais, aves, peixes brasileiros, como veremos mais adiante. Etapas da reprodução da vida humana e anjos com rosto de povos distintos reforçam o enraizamento da pessoa de fé neste cosmos criado. É como criatura que Maria coopera com o desígnio salvífico de Deus; ela está ao nosso lado, não é uma intermediária situada fora da humanidade. Olhando para cima, o devoto lê em azul e dourado: “Ave Maria... bendito o fruto do vosso ventre, Jesus.” O Verbo encarnado é também fruto desta terra!

2.1. Comunhão com a criação

A comunhão com a criação é celebrada no mistério pascal. Nas orações eucarísticas, no momento solene do *Sanctus*, “hino mais importante de toda a missa,”¹² que reúne a assembleia terrestre e celeste, a glória de Deus é cantada pelos fiéis e, através deles, por todas as criaturas: “por nossa voz, tudo o que criastes.”¹³ Louva-se o “Deus do universo,” “de bondade e fonte da vida”, que fez “este mundo tão grande e tão bonito” e que “pela força do Espírito Santo doa vida e santidade a todas as coisas.”¹⁴ A este louvor a assembleia responde, manifestando a abertura à ação divina.¹⁵

Importantes textos bíblicos no Novo Testamento levam a contemplar a criação como portadora de uma mensagem de Deus porque está penetrada por seu amor e presença mediante Cristo, no Espírito. Assim, temos 1Cor 8,6: há “um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual tudo existe e pelo qual nós existimos”; Cl 1,16-18: “Tudo foi criado por Ele e para Ele, e Ele existe antes de tudo; tudo nele se mantém, e Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja”; Hb 1,3: “O Filho... sustenta o universo pelo poder de sua palavra”; Ef 1,10: “Ele nos fez conhecer o mistério

¹¹ SANTA SÉ, Missas de Nossa Senhora, p. 277 (Oração Eucarística III); p. 287 (Oração Eucarística IV); p. 292 (Oração Eucarística V); p. 314 (Oração Eucarística VII); p. 319 (Oração Eucarística VIII); p. 298 (Oração Eucarística IX); p. 303 (Oração Eucarística X); p. 308 (Oração Eucarística XI).

¹² GIRAUDO, C., *In unum corpus*, p. 563-564.

¹³ SANTA SÉ. Missas de Nossa Senhora, p. 282 (Oração Eucarística IV)

¹⁴ Para este aspecto, vale a pena deter-nos nos prefácios das orações eucarísticas, que trazem o aspecto anamnético da ação criadora-salvadora de Deus. Aqui, destacamos as indicações das orações eucarísticas III, IV e X. SANTA SÉ. Missas de Nossa Senhora, p. 275, 282 e 300.

¹⁵ GOPEGUI, J. A. R., *Eukharistia*, p. 209.



da sua vontade ... para levar os tempos à sua plenitude: reunir o universo inteiro sob um só chefe, Jesus Cristo”, revelando que em Jesus Cristo se encontra a plenitude-recapitulação da criação inteira. O Evangelho de João (Jo 1,3), por sua vez, afirma que “tudo foi feito por meio dele; e sem ele nada se fez do que foi feito”. Assim sendo, a criação também faz olhar para Cristo, que é ao mesmo tempo mediador da criação e da salvação, no Espírito.¹⁶

De fato, o nosso mundo é também morada de Deus, mediante o Cristo – Sabedoria, Palavra, Verbo encarnado. Desde a eternidade, nossa terra, nossa realidade e nossa humanidade já eram parte do sonho e interesse da Sabedoria divina (Pr 8,30-31); neste mundo Ela construiu uma casa (Pr 9,1). Na criação, tudo recebeu um sentido, uma intencionalidade, uma Palavra (Gn 1,3; Jo 1,1) – o mundo não é mudo! Na Encarnação, “habitou entre nós” (Jo 1,14) e mostrou que é aqui, nesta terra, que se preparam as núpcias eternas no Reino de Deus (Lc 13,29. 22,28-30).¹⁷ Ressuscitado, Jesus Cristo “tudo envolve misteriosamente e guia para um destino de plenitude.”¹⁸

2.2. Povo sacerdotal e diaconal

O mistério pascal, celebrado em torno ao altar sob a majestosa representação da criação, lembra que Cristo é o redentor de todo o cosmo. Quem comunga louva e reverencia toda a criação boa de Deus, percebe que ela volta a ter uma conotação sagrada. Ao mesmo tempo, a liturgia suscita a abertura e a resposta do fiel, devoto de N. Senhora, que é convidado a responder e a participar das novas relações de Cristo. As relações do Cristo restauram todas as coisas porque criam vínculos de amor, respeito e responsabilidade; elas geram as novas atitudes na comunidade humana e na relação com todo o universo criado. O mistério pascal é mistério de transformação no dia-a-dia humano.

A ação litúrgica realizada no Santuário de Aparecida provoca, de maneira especial, a experiência do vínculo com todas as coisas. Faz intuir de forma mais explícita um sentido profundo na criação, um sentido espiritual e teológico. Faz perceber que as espécies eucarísticas não se separam da inteira criação que, por serem obra do Criador, possuem valor em si mesmas e, nas palavras do Papa Francisco, comunicam uma mensagem própria que só elas podem comunicar.¹⁹ O povo sacerdotal torna-se também um povo diaconal. Como diáconos, rompem o silêncio da terra para proclamar a lógica amorosa de Deus neste mundo. Como diáconos, se fazem cuidadores da criação – guardiões da terra, bons administradores deste mundo.²⁰ Assim sendo, o espaço do baldaquino promove uma ecoliturgia e constantemente reforça a dimensão ecológica da fé.

Com a reverência espiritual diante da criação é possível perceber intimamente como a perda da biodiversidade é também perda simbólica, espiritual e teológica. Como as intervenções humanas irresponsáveis, muitas vezes a serviço do sistema financeiro e do consumismo, geram uma terra cada vez menos rica e bela enquanto que a tecnologia e consumo avançam sem limites.²¹ A ganância com relação às terras gera destruição dos rios e florestas, incêndios cada dia mais numerosos. A crueldade cega a relação com os povos indígenas, desqualifica seus valores e destrói as suas vidas. É preciso uma conversão à lógica de Deus, revelada em Cristo, para mudar.

2.3. Eucaristia, um ato de amor cósmico

¹⁶ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 188.

¹⁷ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 77-78.

¹⁸ LS 100.

¹⁹ LS 33.

²⁰ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 90-91.

²¹ LS 34.

O Papa Francisco, na Encíclica *Laudato si'*, enfatiza e torna muito vivo algo que o baldaquino de Aparecida deixa entrever e perceber. Nos sacramentos, a água, o azeite, o fogo e as cores são incorporados ao louvor, pois “o Filho de Deus incorporou em sua pessoa parte do universo material, onde introduziu um germen de transformação definitiva”²². Na Eucaristia está a maior elevação da criação, pois Deus deseja chegar ao íntimo humano através de um pedaço de matéria, une céu e terra. Unido à Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Ela é, em si, “um ato de amor cósmico.”²³ O Verbo encarnado é também fruto desta terra e, por isso, poderá fazer de um fruto desta terra o sacramento do seu corpo.

Além de conceder um sentido profundo a todo o cosmos, a Eucaristia possui a finalidade ética, antropológica e espiritual de aprofundar os vínculos com a criação, reconverter e curar as relações fundamentais: as relações com Deus, consigo mesmo, com os outros, com o mundo. O primeiro dia da nova criação representa as primícias da transfiguração final de toda realidade e a participação na Eucaristia encoraja a assumir o cuidado da natureza e dos pobres.²⁴ Mas, afinal, o que encontramos neste baldaquino? Vamos especificar a seguir.

3. O majestoso baldaquino da Basílica de N. Sra. Aparecida: descrição

Quando a pessoa devota de N. Sra. Aparecida se posiciona diante do altar central da Basílica, tendo ao fundo a pequena imagem da padroeira da Brasil, ela se encontra espacialmente no interior do grande baldaquino. Olhando para cima, verá a cúpula central e seu capitel, trabalhados em mosaico. Baixando o olhar, verá as quatro colunas ou paredes de sustentação da cúpula, recobertas por azulejos representativos da criação divina por meio da flora e fauna brasileiras. Abaixo, medalhões com o ciclo da vida humana, ipês em estações distintas. No lado interno das colunas, azulejos mostram o sol, a lua, as estrelas, a água, o fogo e pombas a significar o Espírito, atravessados por um fio vermelho que marca a proximidade do mistério de Cristo. Tudo é grandioso e cheio de simbolismo, impossível de ser traduzido num artigo.

3.1. A cúpula central: a árvore da vida relacionada à cruz e ao altar

Na cúpula central encontra-se a representação da árvore da vida (Gn 2,9). No centro estão o sol – representa o próprio Cristo – e o Espírito Santo, representado na pomba. Eles são as “duas mãos” de Deus Pai na criação (Sto Irineu). A árvore da vida abriga pássaros bem brasileiros: tuiuiús, periquitos, maritacas, tucanos... Significam os peregrinos em busca da vida, segundo C. Pastro.²⁵ Desta cúpula desce a imensa cruz sobre o altar, como “extensão da árvore da vida”²⁶, a demonstrar como Jesus Cristo – com toda a sua vida de amor concreto – é a verdadeira árvore da vida plantada em nossa história, em nosso mundo. Nesta disposição, a cruz está associada à árvore da vida (cúpula) e ao altar (centro da Basílica), a demonstrar que “o paraíso foi reaberto pela cruz, a verdadeira árvore da vida, graças ao novo Adão da criação redimida, Jesus Cristo”.²⁷ Além disso, a arte reforça a intuição patrística de que o altar é o próprio Cristo.²⁸ O amor revelado no mistério pascal e celebrado no altar jorra aos quatro cantos da terra, como água, representada no chão como ondas em mosaico de inspiração indígena. Deus é vida, é água, é água viva (Jo 4,10)

²² LS 235.

²³ LS 236.

²⁴ LS 237.

²⁵ PASTRO, C.; et al., Basílica de Aparecida, p. 61.

²⁶ CUNHA, Z., A composição do espaço sagrado no Santuário de Aparecida, p. 149.

²⁷ PASTRO, C.; et al., Basílica de Aparecida, p. 51.

²⁸ PASTRO, C.; et al., Basílica de Aparecida, p. 39.

e a água é vida! O devoto, posicionado diante do altar estará, simbolicamente, dentro do rio de vida.

No capitel da cúpula, abaixo da roda de fogo do Espírito que tudo movimentava – representada por azulejos vermelhos e dourados com a figura do fogo – estão dispostas, em círculo, as palavras da oração Ave Maria: *Ave Maria, cheia de graça o Senhor é convosco! Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus!* (Lc 1,28. 42). De forma esteticamente forte, o fiel é remetido à presença mariana. Por Maria se fez a Encarnação do Verbo, nas palavras de Puebla, “Deus se fez carne por meio de Maria, começou a fazer parte de um povo, constituiu o centro da história”. Por isso, “Ela é o ponto de união entre o céu e a terra.”²⁹

3.2. A criação de Deus contemplada através do ciclo da vida humana e da fauna-flora brasileiras

Posicionados como descrito acima, o devoto e a devota de N. Sra. Aparecida terão diante de si, ao levantar o olhar, o painel sudeste da Basílica, situado na coluna ou parede do baldaquino. Acima, encontrarão o grande anjo com características caboclas e mestiças, com um chapéu de palha e um berrante (*sophar*). Ele chama a atenção para a atitude de escuta da palavra de Deus: “Tua Palavra é lâmpada para os meus passos e luz para o meu caminho” (Sl 119, 105).³⁰

Logo abaixo, verão representados a Mata Atlântica e o Pampa da Região Sul do Brasil. O olhar adentra um cenário de imponentes araucárias e, com elas, a suinã de flor vermelha, pés de café e goiaba, os manacás da serra, o pé de maracujá e a jabuticabeira carregada de frutos, a parreira com as uvas, a bananeira e o milho, o araçari mulato, a braquiara de flor amarela, a quaresmeira. Os esquilinhos caxinguelê, o mico leão dourado, a gralha picaça, a gralha azul e o tiê sangue (passarinho vermelho), a marianinha de cabeça amarela, o guará vermelho do mangue, o boi tabapuã e o guaximim, o bugio do sul e a jacutinga, o carneiro crioula e o grou corado, o cavalo mangalarga e a capivara.³¹ Abaixo, no medalhão, um bebê, com os bracinhos abertos para a vida. Ao redor, os ipês no verão.

O devoto tem, aos seus olhos, também a coluna sudoeste do baldaquino. Acima, verá o anjo com características dos povos indígenas, originários do Brasil. Anjo do Louvor, tem nas mãos um turíbulo com incenso e convida à oração – “suba a minha oração como incenso ...” (Sl 142,2).³² Abaixo dele, a Amazônia, com a sua megadiversidade, exemplificada pela seringueira e a palmeira pupunha, pelo cupuaçu e a castanha do Pará, pelo cumaru, pela imbaúba e o guaraná. Os igarapés se refletem na água, destaca-se a vitória-régia. Encontramos o macaco prego, o bugio, o macaco macari vermelho, o pássaro trinta réis de bico vermelho e o uirapuru, o búfalo e as borboletas, o jacaré e o pirarucu, o boto cor-de-rosa, o amigável peixe-boi.³³ O painel é exuberante. Mas também conota a dor diante da ganância e destruição dos povos originários e da floresta. No medalhão, abaixo, encontramos um casal e a força da perpetuação da vida, ladeado pelos ipês no outono.

Continuando o movimento, se o devoto se voltar para trás, verá as duas colunas ou paredes que completam o baldaquino, também revestidas com a flora e fauna brasileiras, distribuídas em seus diferentes biomas.

²⁹ DP 301.

³⁰ PASTRO, C.; et al., Basílica de Aparecida, p. 56.

³¹ A diversidade das espécies na parede Sudeste foi construída a partir dos painéis com esboços de C. Pastro que trazem várias anotações do artista, realizadas a mão, bem como fotos do acervo do Centro de Documentação e Memória – CDM – do Santuário Nacional N. Sra. Aparecida. Os painéis constam de: SANTUÁRIO NACIONAL DE N. SRA. APARECIDA. Exposição da Cúpula Central.

³² PASTRO, C.; et al., Basílica de Aparecida, p. 57.

³³ Também a diversidade das espécies na parede Sudoeste foi construída a partir dos painéis com esboços de C. Pastro, que trazem várias anotações do artista feitas a mão, constantes de: SANTUÁRIO NACIONAL DE N. SRA. APARECIDA. Exposição da Cúpula Central.

No painel situado a noroeste da Basílica, olhando para cima, o devoto vê o Anjo negro, tendo um pandeiro em suas mãos. Representa o dom da alegria: “Alegrai-vos no Senhor, ó Justos, e exultai, dai gritos de alegria, todos os de coração reto” (Sl 32,11).³⁴ Abaixo, estão representadas as regiões Nordeste, com sua caatinga, e o Centro Oeste, com o cerrado. No cerrado, sobressaem a cachoeira do Jalapão, os buritis, a flor do pequi, a coruja, o papagaio azul. Na caatinga, as pinturas rupestres do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Piauí, o entramado cinzento da caatinga, o caju, o jambo e outros frutos em forma de coração, as bromélias, a carnaúba, o mandacaru e as palmas, a cobra jiboia. E, em destaque, a suçuarana, o veado campeiro, o jaburu, o flamingo, a ema, o jegue, a ariranha e o tamanduá bandeira.³⁵ Mais abaixo, os ipês na estação do inverno, rodeando o medalhão no qual vemos a imagem da fecundação do óvulo pelos espermatozóides.

Por fim, o devoto verá o painel situado a nordeste da Basílica, em que encontramos o grande anjo com feições de matrizes europeias. Tem nas mãos uma régua, inspirado no livro do Apocalipse onde se lê: “mede o templo de Deus, e o altar e os que nele adoram” (Ap 11,1). A Mata Atlântica é representada em diversos tons de verde e ali podemos encontrar figuras de bromélias grandes e coloridas, figueiras, mangueiras, bananeiras, palmeiras-juçaras. E também o mico-leão dourado, o miquinho, a onça pintada, o lobo guará, a tartaruga, o veado, a anta, o tatu, a cascavel.³⁶ No medalhão, vemos o embrião humano em desenvolvimento, ladeado pelos ipês em primavera.

Pombas, pequenas rãs muiraquitãs e ondas de água formam a barra final de azulejos das paredes do baldaquino, as águas já tocando no chão. Sobre as rãs muiraquitãs, vale ressaltar o sentido dado a elas por C. Pastro.³⁷ Comuns na cultura amazônica e latinoamericana, representam na Basílica a ressurreição, pois durante a seca, estas rãs buscam terrenos mais úmidos e sofrem grande desidratação para, nas cheias, como que voltarem à vida.

4. Uma Mariologia cósmica: vínculo e cuidado com todos os seres vivos

A mulher vem em romaria e adentra a Basílica com sua filha. Já está perto do altar central e contempla, enquanto espera o horário da Eucaristia. Elas se encontram no interior do baldaquino, rodeadas por ipês, animais, borboletas, árvores e frutos de todo tipo. A atenção da mãe repousa um minuto sobre as frutas de cacau que ela conhece, mas a filha puxa seu vestido e lhe mostra os macaquinhos brincando nas árvores. Voltando a atenção ao altar, a romeira vê a grande cruz com o Cristo vazado, sofrido, de braços abertos. Percebe que a cruz pende de uma acolhedora árvore, na cúpula, cheia de pássaros conhecidos. Observa os grandes anjos, chama-lhe a atenção o anjo indígena, parecido com sua família. Acima dele, pode rezar ao avistar a oração do capitel, *Ave Maria!* Enquanto seu coração se recolhe, avista, a quase 200 metros de distância, a pequena imagem de N. Sra. Aparecida, com o seu manto azul e coroa dourada, emoldurada por um nicho amarelo brilhante. Ela sente paz e confiança – chegou até o seu destino, poderá seguir adiante.

A imagem de Aparecida não se encontra fisicamente no centro do baldaquino, como sugeria o projeto inicial da Basílica, anterior ao Concílio Vaticano II. A reorientação mariológico-litúrgica conciliar³⁸ encontrou outro lugar para ela, inserida na história da salvação. A imagem está integrada, simultaneamente, ao painel sul, em que são representadas as mulheres do Antigo Testamento, e ao

³⁴ PASTRO, C.; et al., Basílica de Aparecida, p. 58.

³⁵ A diversidade das espécies na parede noroeste foi construída a partir dos painéis com esboços de C. Pastro que trazem várias anotações do artista, realizadas a mão, bem como fotos do acervo do Centro de Documentação e Memória – CDM – do Santuário Nacional N. Sra. Aparecida. Os painéis constam de: SANTUÁRIO NACIONAL DE N. SRA. APARECIDA. Exposição da Cúpula Central.

³⁶ A representação do anjo e a diversidade das espécies na parede nordeste foi construída a partir dos painéis constantes na Exposição da Cúpula da Basílica de N. Sra. Aparecida.

³⁷ SANTUÁRIO NACIONAL DE N. SRA. APARECIDA. Exposição da Cúpula Central.

³⁸ SC 7, 10, 125.

retábulo vertical branco, alusivo à grande novidade da Encarnação pelo Espírito Santo, na plenitude do tempo, anunciada por Deus através de seus anjos Gabriel, Miguel e Rafael, dispostos a modo de escada. Lá está Maria, ponto de encontro entre o Antigo e Novo Testamento, entre o céu e a terra, pela Encarnação. Lá está ela, diante do Filho crucificado – a cruz sobre o altar – e glorificado – o grande Pantocrator do painel Norte. Lá está Maria, envolvendo com seu olhar os que se deixam envolver pelo grande cenário cósmico do baldaquino. Maria está discreta e presente, serve com o crucificado e glorificada pelo ressuscitado, a inspirar o serviço e a esperança.

O Cristo presente e reconciliador de toda a criação, como inspira o baldaquino de Aparecida, propicia uma ênfase na dimensão cósmica da liturgia, como dissemos, uma ecoliturgia. Isto tem consequências para a reflexão mariológica. Encaminha a perceber a figura de Maria em alguns momentos essenciais. Ela é criatura presente na Encarnação, fato que valoriza radicalmente o mundo criado. É mulher de fé e atua como nova criatura em Cristo, ao longo de sua existência terrena, como nos mostram o seu “sim”, seu cântico do *Magnificat*, seu escutar e colocar em prática a Palavra de Deus. Apresentada por Jesus crucificado como mãe, torna-se mãe da nova criação. Glorificada pela força da ressurreição de Jesus, é primícias da criação glorificada em Cristo, pela Assunção. Na Encarnação, Maria participa do início da comunhão mais radical do céu com a terra; em sua vida terrena, vive a comunhão e a solidariedade; diante do crucificado que a entrega como Mãe (Jo 19,25-27), coopera e continua cooperando como mãe na nova criação em que tudo é reconciliado com Deus. (Rm 5,6; 2Cor 5,18-20)³⁹

Maria convida a gerar o Cristo que tudo reconcilia. Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, o Redentor conduz-nos a Maria... “Ela, que O gerou com tanta fé, também acompanha ‘o resto da sua descendência’ para gerar Cristo de maneiras diversas”.⁴⁰ Maior sensibilidade e compromisso com a criação boa de Deus é também geração do Cristo que tudo interliga, pois fora dele nada foi feito (Jo 1,3). Cuidar é responder ao chamado diaconal de ser guardiães e guardiões da casa comum, é responsabilizar-se do chamado à nova criação.

Elemento a ser ressaltado é o vínculo com as criaturas que Maria inspira e encoraja, porque o viveu na vida terrena, em fidelidade a Deus e no seguimento do seu filho. Maria viveu a experiência do vínculo maternal com o filho amado, amando-o sempre e “até o fim” (Jo 19,23); com José (Lc 2,48); com o seu povo (Lc 1,54-55); com a comunidade nascente (At 1,14). Tudo retratava a sua resposta fiel ao Deus de amor, moldada sempre pelo Espírito. No cântico do *Magnificat*, sua “alegria, humildade, consciência e partilha dos bens” nos dão os pressupostos “para criar uma cidadania planetária, na qual todos nos sintamos em relações de rede, intimamente conectados e interdependentes”.⁴¹ Na experiência do vínculo, seguiu de maneira comprometida a seu filho Jesus. Filho que teceu vínculo com todos, em solidariedade perfeita e obediência àquele que ele chamava de *Abbá-Pai*; vínculo que se estendia a todos que encontrava e à criação, ora fonte de contemplação cheia de simbolismos – observou os lírios do campo, os pássaros (Mt 6,28) – ora fonte de sustento das pessoas, como para os trabalhadores na terra, nas vinhas (Mt 20,1).

Se a vida terrena de Maria, conhecida nos Evangelhos, foi uma vida de vínculos e de solidariedade, sua vida gloriosa amplifica esta atuação de cuidado e de solidariedade, inclusive com a criação. Se ela foi “personagem eminente no mistério da encarnação” e participou do mistério da expansão do Espírito a todos os povos em Pentecostes, participa também do mistério do Espírito que encaminha a uma “recriação da vida, especialmente onde ela está mais ameaçada.”⁴² Como nos diz o Papa Francisco, Maria, tendo cuidado de Jesus na vida terrena, cuida agora do mundo ferido; tendo chorado com o sofrimento e morte do filho, ela agora se compadece do sofrimento dos pobres

³⁹ MARQUES, L. F. C., A dimensão celebrativa do Rosário Mariano, p. 127-130.

⁴⁰ EG 286.

⁴¹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 81.

⁴² MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 84-85.

e das criaturas deste mundo exterminadas pelo mal uso do poder humano; tendo guardado no coração a vida de Jesus, buscando o seu significado (Lc 2,51), compreende agora o sentido de todas as coisas.⁴³ Por isso, podemos pedir a Maria que nos ensine a contemplar este mundo com mais sabedoria, atuemos com justiça e abramos caminhos de esperança, pois estamos também nós vinculados a toda a criação e a toda humanidade e a salvação humana leva inseparavelmente ao cuidado com a criação. A atuação de Maria na vida terrena se abriu para o futuro do Reino, esperança para todas as criaturas. Glorificada em corpo e alma, pela força do Cristo ressuscitado, representa parte desta criação que alcançou a plenitude da realização e da beleza.⁴⁴

A oração de Francisco na Exortação *Querida Amazônia* louva Maria como Mãe da vida e Rainha da criação. Porque, se no seio de Maria formou-se Jesus, Senhor de tudo o que existe, Ressuscitado, ele a transforma em sua luz e faz dela Mãe da vida e Rainha de toda a criação.⁴⁵ Este invocação, Rainha da criação, bem poderia ser aplicada a N. Sra. Aparecida, situada na Basílica cujo baldaquino retrata tão fortemente todas as criaturas e povos. Podemos dizer que estes celebram a religação de todas as coisas em Cristo, no Espírito e que cantam a beleza daquela que, agora, vive com Ele, transfigurada – “é a Mulher “vestida com o sol, tendo a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas.”⁴⁶

Por isso, uma Igreja celebrante e unida no amor a Maria, não pode senão se posicionar diante do mundo ferido: compadecer-se do sofrimento dos povos, dos pobres e de todas as criaturas e contribuir na nova criação, através de novas relações. Enquanto ativamente trabalha, também celebra a glória, a beleza e a dignidade da criação e de todos os povos, como podemos perceber no baldaquino do Santuário. Eis um chamado urgente de todo o povo sacerdotal e diaconal, em particular os devotos e devotas da Mãe Aparecida.

Conclusão

No conjunto do Santuário é possível compreender e melhor viver as palavras do Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'*, para quem “há um mistério a contemplar numa folha, num caminho, no orvalho, no rosto do pobre. O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontra-Lo em todas as coisas”.⁴⁷ Um mistério de amor envolve todas as criaturas e estabelece entre elas uma íntima ligação. Particularmente, envolve o devoto de Nossa Senhora que celebra o amor e contempla a criação.

A ação litúrgica provoca movimento, transformação interior dos fiéis, que não se dissocia do compromisso com a criação. O espaço litúrgico é “o lugar que permite acontecer – é o lugar do acontecimento.”⁴⁸ Na perspectiva que estamos estudando, este acontecimento é novo olhar, novas relações e nova atitude. O mundo ferido pede essa conversão em direção ao planeta, a “casa comum”. Na ação litúrgica acontece um processo de restauração e cura das relações entre os irmãos e para com a natureza, dimensão constitutiva da espiritualidade cristã. O mistério pascal se encontra na gênese da nova criação que deve se realizar no dia-a-dia, nos laços de fraternidade concreta. Maria, a mulher do cuidado, Mãe e Rainha da criação, é aliada neste acontecimento decisivo e, ao mesmo tempo, é sinal desta nova criação na vida terrena e no destino jubiloso a que essa vida é chamada.

O baldaquino do Santuário orienta os fiéis a relacionarem a “casa comum” com a fé celebrada no Santuário. A espiritualidade descobre um enraizamento cósmico essencial e decisivo para a vida

⁴³ LS 241.

⁴⁴ LS 241.

⁴⁵ QA 111.

⁴⁶ LS 241.

⁴⁷ LS 233.

⁴⁸ PASTRO, C., A arte no Cristianismo, p. 38.

e é convidada a se perguntar sobre o significado da figura de Maria, a mãe do Senhor, neste cenário místico. Nele, é como se a criação acolhesse a existência de cada fiel. Ao mesmo tempo, mostra sua beleza e grita pedindo socorro, ajuda e compromisso ético. Simbolicamente, pela arte unida à espiritualidade, o Santuário mariano de Aparecida, com o seu baldaquino cósmico, contribui a refazer a sensibilidade contemplativa e fortalecer uma atitude ética diante do mundo ferido.

Os frequentadores do Santuário Nacional de Aparecida fariam bem em enfatizar as virtualidades pedagógicas e mistagógicas do baldaquino. Entre elas, a ênfase na participação e transformação de todo o povo sacerdotal na celebração litúrgica, em sintonia com as afirmações conciliares, com a ênfase na comunhão na diversidade e dimensão sinodal da Igreja.

Quantas vezes os baldaquinos são postos sobre o Santíssimo Sacramento, para adoração. Com esta ênfase unilateral, a abertura à novidade de vida, suscitada pelo Espírito na ação litúrgica, corre o risco de ficar na sombra. A realidade profunda nem sempre enfatizada é a de que o corpo de Cristo é também o povo sacerdotal. Chamado a, como Maria, gerar o Cristo nas realidades concretas da história. Não seria este o desejo de Cristo ao dar Maria por mãe da Igreja nascente, no momento da nova criação?

A dimensão ecológica da fé cristã é fortemente enfatizada no espaço do baldaquino. A Basílica apresenta um espaço privilegiado para inspirar uma verdadeira conversão ecológica, denunciar o descaso e omissão diante da destruição da criação e dos povos indígenas e promover o desenvolvimento de uma espiritualidade cada vez menos autorreferencial e reconstrutora das relações fundamentais constitutivas da pessoa humana. Dentre estas relações fundamentais, está a relação de contemplação e responsabilidade para com a criação boa de Deus, capaz de criar projetos comuns de cuidado e solidariedade.

Este povo santificado, que deseja participar do sonho de Deus para a humanidade e para toda a criação, está com Maria e deseja ser como ela, modelo da vida nova que se abre para a vida gloriosa dos filhos e filhas de Deus. Este povo pode contar com sua força e carinho de mãe e amiga. É possível olhar para cima, estando no baldaquino e exclamar: Ave Maria, cheia de graça! Bendito é o fruto do vosso ventre! Rogai por nós!

Referências bibliográficas

CELAM. Puebla. In: Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 225-584.

CUNHA, Z. A composição do espaço sagrado no Santuário de Aparecida: arte sacra de Cláudio Pastro. In: ACADEMIA MARIAL DE APARECIDA. **Aparecida: 300 anos de fé e devoção**. Aparecida: Santuário; AMA, 2017.

GARCIA RUBIO, A. **Unidade na Pluralidade**. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2020.

GESCHÉ, A. **O cosmo**. São Paulo: Paulinas, 2004.

GIRAUDO, C. **In unum corpus**. Trattato mistagógico sull'eucaristia. Roma: San Paolo, 2001.

G1. Laudo conclui que búfalas de Brotas passaram fome e sede por mais de um período. **Globo.com G1**, São Carlos e Araraquara, 04 jan. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2022/01/04/laudo-da-usp-e-unesp-conclui-que-bufalas-de-brotas-passaram-fome-e-sede-por-mais-de-um-periodo.ghtml>> . Acesso em: 20 jan. 2023.

G1. Nos 300 anos de Nossa Senhora Aparecida, Santuário Nacional bate recorde com 13 milhões de visitantes em 2017. **Globo.com G1**, Vale do Paraíba e Região, 02 jan. 2018. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/nos-300-anos-de-nossa-senhora-aparecida-santuario-nacional-bate-recorde-com-13-milhoes-de-visitantes-em-2017.ghml>>. Acesso em 20 jan. 2023.

GOPEGUI, J. A. R. **Eukharistia**: Verdade e caminho da Igreja. São Paulo: Loyola, 2008.

FRANCISCO, PP. **Encíclica *Laudato si'***. Sobre o cuidado da casa comum, Brasília: CNBB, 2015.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia***. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade, São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

MARQUES, L. F. C. A dimensão celebrativa do Rosário Mariano. In: GUIMARÃES, V. **Maria na Liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017, p. 117-130.

MURAD, A. **Maria, toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012.

PASTRO, C. **A arte no Cristianismo**. Fundamentos, linguagem, espaço. São Paulo: Paulus, 2010.

PASTRO, C.; et al. **Basílica de Aparecida**: a fé pela arte. Aparecida: Editora Santuário, 2023.

PASTRO, C. **Guia do espaço sagrado**. São Paulo: Loyola, 1999.

PASTRO, C. **Santuário de Aparecida**. Aparecida: Editora Santuário, 2017.

SANTA SÉ. **Missas de Nossa Senhora**. Brasília: CNBB, 2016.

SANTUÁRIO NACIONAL DE N. SRA. APARECIDA. **Exposição da Cúpula Central**: “Corações aos Céus: Criação, Beleza e Redenção”. Acervo de 52 painéis com fotos do Arquivo CDM-Centro de Documentação e Memória-Santuário Nacional. Acesso em: 21 mar. 2022.

Tradução Ecumênica da Bíblia, TEB, São Paulo: Loyola, 2020.

VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Introd. e Índice Analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, Petrópolis: Vozes, 1968, p. 37-117.

VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. Introd. e Índice Analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, Petrópolis: Vozes, 1968, p. 257-306.

Lúcia Pedrosa-Pádua

Doutora pelo Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Docente do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: lpedrosa@puc-rio.br

Recebido em: 11/07/2023

Aprovado em: 23/10/2023